

Caderno de Questões

Bimestre	Disciplina	Turmas	Período	Data da prova	P 163010
3.o	Estudos Literários	1.a Série	M	15/09/2016	
Questões	Testes	Páginas	Professor(es)		
5	10	10	Beth Araújo		
Verifique cuidadosamente se sua prova atende aos dados acima e, em caso negativo, solicite, imediatamente, outro exemplar. Não serão aceitas reclamações posteriores.					
Aluno(a)			Turma	N.o	
Nota		Professor		Assinatura do Professor	

Instruções

1. Leia com atenção as questões da prova.
2. A prova deve ser feita a tinta, com letra legível; respeite os espaços reservados para as respostas.
3. As respostas incompletas, rasuradas ou que apresentem erros gramaticais serão descontadas total ou parcialmente.
4. Obedeça às normas da língua culta.
5. Destaque a folha de respostas; para isto, preencha o cabeçalho.
6. Na primeira aula de Estudos Literários, após as provas, traga o caderno de questões e o gabarito, que será publicado na internet.

Parte I: Testes (valor 3,0)

01. A opção de Camões pelo gênero da epopeia, ao compor *Os lusíadas*,
- a. está adequada aos padrões estéticos da época, que valorizava o potencial criativo dos artistas.
 - b. associa-se ao sentimento patriótico decorrente das conquistas ultramarinas de Portugal.
 - c. vincula-se ao projeto antropocêntrico de valorizar o homem comum, destituído de relevância social, mas de bom caráter.
 - d. vincula-se ao interesse de retratar a sociedade contemporânea, com o intuito de atribuir valor artístico ao seu cotidiano.
 - e. remete ao desejo renascentista de mostrar a capacidade de superação dos seres humanos, os quais independem de interferência divina.
02. Assinale a alternativa **incorreta** sobre *Os lusíadas*, de Camões.
- a. Tanto no episódio de Inês de Castro quanto no do Velho do Restelo, essas personagens se expressam por meio do discurso direto.
 - b. A interação com os deuses da mitologia aumenta o heroísmo dos portugueses, pois estes superam tais adversários.
 - c. Apesar de apresentarem algumas inovações, *Os lusíadas* imitam o modelo épico tradicional.
 - d. A inovação do episódio de Inês de Castro se deve ao teor narrativo que se apresenta.
 - e. A inovação do episódio do Velho do Restelo reside no fato de, numa obra cujo objetivo é exaltar as ações lusas, haver uma crítica a essas próprias ações.

Considere o fragmento seguinte para responder aos testes 03 e 04.

Era um filme. E ele espectador. A sensação de impotência.

E depois, como sempre, o formigueiro nasce no ventre de Sem Medo. Gritou, saltando para o abrigo: "MPLA avança!" Correu, atirando a primeira granada no meio do Talude. Teoria seguiu-o imediatamente. Também Verdade. Também Muatiânvua. E a seguir os outros. O plano de Sem Medo era o de passar ao assalto do talude, à granada, para lançar confusão no inimigo e salvar o Comissário.

Fragmento transcrito do capítulo V ("A amoreira"), de *Mayombe*, p. 240.

03. A atitude de Sem Medo descrita no fragmento tem como consequência imediata a morte de(o)

- a. Comandante.
- b. Lutamos.
- c. Sem Medo e Lutamos.
- d. Verdade.
- e. Lutamos e Muatiânvua.

04. Há, no fragmento, um(a)

- a. metáfora, em "Era um filme".
- b. metáfora, em "A sensação de impotência".
- c. eufemismo, em "o formigueiro nasce no ventre de Sem Medo".
- d. metonímia, em "lançar confusão no inimigo".
- e. hipérbato em "O plano de Sem Medo era o de passar ao assalto do talude, à granada, para lançar confusão no inimigo e salvar o Comissário."

Considere o fragmento seguinte para responder ao teste 05.

Vim para o Congo e no MPLA aprendi a fazer a guerra, uma guerra com organização. Também aprendi a ler. Aprendi sobretudo que o que fizemos em 1961, cortando cabeças de brancos, mestiços, assimilados e umbundus era talvez justo nesse momento. Mas hoje não pode servir de orgulho para ninguém. Era uma necessidade histórica, como diz o Comissário Político. Percebo o sentido das palavras, ele tem razão, nisso ele tem razão.

Só não tem razão em estar do lado do Comandante, que é kikongo. Foram os kikongos que vieram mobilizar-nos, que trouxeram as palavras de ordem do Congo para avançar à toa, sem organização. Os kikongos queriam reconstituir o antigo reino do Congo. Mas esqueceram que os Dembos e Nambuanguongo sempre foram independentes do Congo.

Fragmento transcrito do capítulo IV "A surucucu", de *Mayombe*, p. 209.

05. No fragmento, o Chefe das Operações reflete sobre a guerra em Angola. Somente é **correto** afirmar que a personagem, nesse momento da narrativa,

- a. apesar de seu desenvolvimento pessoal e militar, demonstra uma visão tribalista ainda, conduta que dificultava a unidade e ação dos guerrilheiros.
- b. acredita em seu desenvolvimento pessoal, mas não evoluiu nem militarmente, nem politicamente, pois continua a defender suas ideias originais.
- c. embora apresente uma visão ainda tribalista, tem razão ao criticar os kikongos, pois foram esses os principais responsáveis pelo conflito tribal em Angola.
- d. reconhece que a violência do passado, hoje, seria mal vista, mas em seu íntimo, apesar de dar razão ao Comissário Político, preferia o modo de atuação antigo.
- e. percebe que não pode dizer claramente o que pensa ao Comissário Político e finge concordar com ele, embora comungue do tribalismo.

Aluno(a)	Turma	N.o	P 163010
			p 3

Considere os fragmentos seguintes para responder aos testes 06 e 07.

Texto I

Não tens junto contigo o ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do arábio a lei maldita*,
Se tu pela de Cristo só pelejas?
Não tens cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?*

**mouro, árabe*

**islamismo*

*Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe,
Buscas o incerto e incógnito* perigo
Por que a fama te exalte e lisonje
Chamando-te senhor, com larga cópia,
da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.*

**desconhecido*

*Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Digno de eterna pena do profundo*
Se é justa a justa a lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara* sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e a glória!*

**inferno*

**instrumento musical*

"Episódio do Velho de Restelo", em *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões.

Texto II

Sacanas colonialistas, vão à merda, vão para a vossa terra. Enquanto estão aqui, na terra dos outros, o patrão está a comer a vossa mulher ou irmã, cá nas berças.

Carta deixada por Sem Medo aos colonialistas, no capítulo I "A missão", de *Mayombe*.

06. De acordo com o texto I, o velho

- apresenta sua posição contrária às conquistas portuguesas, afirmando que a busca por fama levará os navegadores a deixar indefesa a pátria aos inimigos que estão próximos, ou seja, os muçulmanos.
- deseja que a conquista dos mares seja imortalizada pelos poetas e músicos por meio de suas artes.
- amaldiçoa os portugueses por terem inventado as embarcações que permitiram as grandes navegações.
- evidencia sua visão teocêntrica ao incentivar que os navegadores levem a fé cristã aos novos territórios conquistados.
- afirma que os árabes não são um inimigo digno de combate, já que não possuem riquezas e seguem a religião muçulmana.

07. No texto II, a afirmação de Sem Medo (de que os portugueses estão “na terra dos outros”) opõe-se à visão que os lusitanos têm de si mesmos expressa nos seguintes versos do texto I:
- “Não tens junto contigo o ismaelita/ Com quem sempre terás guerras sobejas?”
 - “Não segue ele do arábio a lei maldita/ Se tu pela de Cristo só pelejas?”
 - “Deixas criar às portas o inimigo,/ Por ires buscar outro de tão longe”.
 - “Por que a fama te exalte e lisonje/ Chamando-te senhor, com larga cópia,/ da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.”
 - “Nunca juízo algum, alto e profundo,/ Nem cítara sonora ou vivo engenho,/ Te dê por isso fama nem memória”.
08. A carta deixada por Sem Medo foi avaliada como “Muito pouco política” pelo Comissário, porque
- este viu na carta uma dose exagerada de humor.
 - a carta faz uma agressão gratuita e utiliza termos chulos.
 - Sem Medo expõe o que sente, e não conceitos teóricos.
 - o Comandante escreve mal, apesar de ser um intelectual.
 - a carta é anônima.
09. (FUVEST) Considere as seguintes afirmações do crítico Hernâni Cidade, a respeito do discurso feito por Inês de Castro em *Os Lusíadas*:

O discurso é uma bela peça oratória, concebida por quem possui todos os segredos do gênero. (...) Nele a inteligência construtiva do clássico superou, no poeta, o sentimento da verdade psicológica. A ideia fundamental - põe-me em triste desterro, mas poupa-me a vida em respeito de teus netos - alonga-se por toda uma eloquente oração ciceroneana*, em que não faltam as alusões mitológicas apropriadas.*

Vocabulário

*oratória: conjunto de regras que constituem a arte do bem dizer, a arte da eloquência; retórica.

*ciceroneana: que remete a Cícero, impressionante orador da Roma Antiga.

Sobre as palavras do crítico e o conteúdo do episódio de Inês de Castro, é **correto** afirmar que

- pode-se considerar a fala de Inês de Castro um exemplo de peça oratória graças à intensa expressão lírica que o discurso apresenta.
 - uma das alusões mitológicas presentes no episódio relaciona-se a Vênus, deusa do Amor, responsável pela paixão trágica de Inês de Castro.
 - o tom oratório presente no discurso da personagem vem somar à expressão lírica a organização lógica das ideias, conferindo à enunciação um caráter argumentativo.
 - segundo o crítico, verificam-se elementos da oratória no episódio de Inês de Castro, os quais são resultado da capacidade do poeta de revelar a verdade psicológica dos personagens.
 - a ideia fundamental do discurso da personagem relaciona-se à tristeza em relação aos amores dos quais ela reconhecia não ter culpa, já que o verdadeiro culpado é Amor.
10. Em “Assim foi parida pelo Mayombe a base guerrilheira”, evidencia-se a mesma figura de linguagem presente no(s) seguinte(s) verso(s) de *Os Lusíadas*:
- “A quem se aparta, ou fica, mais magoa”.
 - “Tirar Inês ao mundo determina”.
 - “Com crianças pequenas viu a gente/ terem tão piedoso sentimento”.
 - “Os montes de mais perto respondiam/ quase movidos de alta piedade”.
 - “Mas, ó tu, geração daquele insano”.

Aluno(a)	Turma	N.º	P 163010
			p 5

Parte II: Questões discursivas (valor: 7,0)

Considere os textos a seguir para responder à questão 01.

Texto I

*Aos guerrilheiros do Mayombe,
que ousaram desafiar os deuses
abrindo um caminho na floresta obscura,
Vou contar a história de Ogun,
o Prometeu africano.*

Dedicatória de *Mayombe*.

Texto II

*Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.*

Fragmento da "Proposição" de *Os lusíadas*.

01. (valor: 1,8) Os textos I e II assumem um tom épico, ao elevarem as ações dos homens a conquistas extraordinárias, impossíveis ao ser humano comum.

a. (valor: 1,0) De acordo com a dedicatória de *Mayombe* e a "Proposição" de *Os lusíadas*, que ação sobre-humana há em comum entre os guerrilheiros angolanos e os navegadores portugueses?

b. (valor: 0,8) Transcreva um verso do texto II que justifique sua resposta.

As questões 02 a 05 referem-se aos textos a seguir.

Texto I

*Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar ãa donzela,
Frac e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.*

*E se, vencendo a Maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabes também dar vida com clemência
A quem pera perdê-la não fez erro.
Mas, se to assi merece esta inocência,
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,
Onde em lágrimas viva eternamente.*

*Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se neles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei.
Ali, co amor intrínseco e vontade
Naquele por quem mouro, criarei
Estas relíquias suas, que aqui viste,
Que refrigério sejam da mãe triste.*

Estrofes 127, 128 e 129 transcritas do Canto III de *Os lusíadas*

Texto II

O Comandante chamou o Chefe de Operações. Reuniram-se os três.

– Que tu pensas que se deve fazer? – Perguntou Sem Medo ao das Operações.

– Acho que devemos fazer uma curva, para apanharmos a picada mais à frente e chegarmos à estrada.

– E tu, Comissário?

O Comissário mediu as palavras antes de falar.

– Penso que deveríamos aproveitar esta ocasião. Podíamos apanhar os trabalhadores, recuperar a serra, que é leve de transportar, destruir o buidózer e o camião. Era uma ação que fazia efeito e era esse o nosso objetivo. Por que mudar?

O Chefe das Operações interrompeu:

– Nós somos militares. Nós devemos combater o inimigo. Por isso penso que a primeira ação nesta área devia ser militar. (...) Uma emboscada era muito melhor. Os trabalhadores? Não vejo qual o interesse. Se ainda fosse para os fuzilar... Mas não. Para os politizar! Vocês acreditam que vamos politizar alguma coisa. Aqui só a guerra é que politiza.

O Comandante disse:

– Comissário, sei que uma operação política e econômica tem interesse. O problema é o seguinte: se destruímos estes aparelhos, a ação militar está estragada, pois os tugs ficarão prevenidos de que andamos por aqui.

Aluno(a)	Turma	N.o	P 163010
			p 7

– Claro – cortou o Comissário. – Mas isso será mais uma razão para que eles andem na estrada. (...) A guerra popular não se mede em número de inimigos mortos. Ela mede-se pelo apoio popular que se tem.

– Esse apoio só se consegue com as armas – disse o Das Operações.

– Não só. Com as duas coisas. Com as armas e com a politização. Temos que mostrar primeiro que não somos bandidos, que não matamos o povo. O povo daqui não nos conhece, só ouve propaganda inimiga, tem medo de nós.

Fragmento transcrito das pp. 26 e 27 de *Mayombe*, de Pepetela.

Texto III

Aproveitando algumas informações colhidas, o Comissário falou para os trabalhadores, enquanto os garfos levavam arroz com feijão ao seu destino.

– Vocês ganham vinte escudos por dia, para abaterem as árvores a machado, marcharem, marcharem, carregarem pesos. O motorista ganha cinquenta escudos por dia, por trabalhar com a serra. Mas quantas árvores abate por dia a vossa equipa? Umas trinta. E quanto ganha o patrão por cada árvore? Um dinheirão. E o que é que o patrão faz para ganhar esse dinheiro? Nada, nada. Mas é ele que ganha. (...) O que é vosso, os machados, as catanas, os canivetes, os relógios, o dinheiro, tudo que é vosso, vocês vão levar convosco. E vão levar os machados e catanas dos que fugiram, para lhes entregar. Mas o que é do colonialista fica conosco. Os tugas dizem que somos bandidos, que matamos o povo, que roubamos. Fizemos-vos mal?

Fragmento transcrito das pp. 36 e 37 de *Mayombe*, de Pepetela.

02. (valor: 1,6) Vimos em aula que, em *Os lusíadas*, a norma culta é respeitada no emprego de pronomes de 2.ª pessoa (tu) e de 3.ª pessoa (ele).

a. (valor: 0,8) No texto I, Inês faz referência a quem por meio dos pronomes “te” (1.ª estrofe), e “suas (reliquias)” (3.ª estrofe)?

b. (valor: 0,8) Os pronomes “tu” (2.ª linha do texto II) e “vos” (última linha do texto III), referem-se a que personagem(ns)?

03. (valor: 1,2) Além da função conativa, que também se explora nos textos, que função de linguagem predomina em cada fragmento transcrito de *Os lusíadas* e de *Mayombe*?

04. (valor: 0,6) Em seu discurso, Inês sugere ao rei D. Afonso que em vez de matá-la, ele a exile na África. Ao referir-se a essa região, o autor deixa transparecer na visão da personagem uma opinião negativa sobre o lugar. Transcreva o verso em que se explicita essa opinião.

05. (valor: 1,8) No texto II, apresentam-se diferentes opiniões acerca de como os guerrilheiros deveriam proceder em sua incursão e, no texto III, reproduz-se o diálogo que alude a uma das opiniões defendidas no texto II.

a. (valor: 1,0) Explique a principal diferença entre o posicionamento do Das Operações e do Comissário.

b. (valor: 0,8) No texto III, o teor do discurso do Comissário permite deduzir que ele tenta pôr em prática a postura que defende. Transcreva o substantivo utilizado no texto II que denomina a ação ideológica defendida pelo Comissário.

Folha de Respostas

Bimestre 3.o	Disciplina Estudos Literários	Data da prova 15/09/2016	P 163010 p 9	
N.o	01 02 03 04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50	Ano 1	Grupo A B C	Turma 1 2 3 4
Aluno(a)		Assinatura do Professor		Nota

Parte I: Testes (valor: 3,0)

Quadro de Respostas

Obs.: 1. Faça marcas sólidas nas bolhas sem exceder os limites.
2. Rasura = Anulação.

	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
b.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
c.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
d.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
e.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parte II: Questões Dissertativas (valor: 7,0)

01. (valor: 1,8)

a. (valor: 1,0) _____

b. (valor: 0,8) _____

02. (valor: 1,6)

a. (valor: 0,8) _____

b. (valor: 0,8) _____

03. (valor: 1,2) _____

04. (valor: 0,6) _____

05. (valor: 1,8)

a. (valor: 1,0) _____

b. (valor 0,8) _____

Parte I: Testes (valor: 3,0)

01. Alternativa **b**.

A epopeia, por enaltecer façanhas relacionadas a conquistas de um povo, constitui uma forma literária condizente com o patriotismo decorrente das Grandes Navegações, elemento central de *Os Lusíadas*.

Incorreções:

Alternativa **a**. O Classicismo valorizava a imitação de modelos considerados ideais, não exatamente o potencial criativo dos artistas.

Alternativa **c**. Em *Os lusíadas*, não há “o homem comum, destituído de relevância social”, mas sim heróis que triunfaram por sua coragem e grandes ações.

Alternativa **d**. *Os lusíadas* não buscam “retratar a sociedade contemporânea”, o caráter fantástico da obra visa exaltar a força lusitana. Além do que a ação retratada (viagem de Vasco da Gama) é anterior, e não contemporânea ao poeta.

Alternativa **e**. Os navegadores portugueses não “independem de interferência divina”, ao contrário, eles têm deuses como aliados (e outros como adversários).

02. Alternativa **d**.

Toda obra épica é constituída por uma narração, então isso não poderia ser algo inovador em *Os lusíadas*. O caráter inovador do episódio de Inês de Castro se explicita no fato de não haver, no episódio, o relato das façanhas de heróis, mas sim uma história de amor com forte teor lírico.

03. Alternativa **a**.

No episódio, Lutamos corre na direção do Comissário, mas é baleado e morre instantaneamente. Após sua morte, Sem Medo corre atirando, é seguido pelos outros, mas é atingido no ventre e acaba falecendo.

04. Alternativa **a**.

A substituição de um termo por outro, estabelecendo uma relação implícita de comparação entre ambos, constitui uma metáfora. A imagem “um filme” traduz uma forma poética para descrever a situação descrita. Assim, na oração (em que foi omitido o sujeito), a luta/a cena era (como) um filme.

Incorreções:

Alternativa **b**. “A sensação de impotência” não é um termo que substitua outro, portanto não se trata de uma metáfora, mas de uma expressão que explica de forma literal o que Sem Medo sente.

Alternativa **c**. Em “o formigueiro nasce no ventre de Sem Medo” há uma metáfora do formigueiro que nasce em um ventre. Não há eufemismo, a imagem não procura ser menos chocante.

Alternativa **d**. Não há metonímia, em “lançar confusão no inimigo”, pois não há relação de parte pelo todo: o termo “inimigo” generaliza os oponentes.

Alternativa **e**. Não há hipérbato em “O plano de Sem Medo era o de passar ao assalto do talude, à Alternativa granada, para lançar confusão no inimigo e salvar o Comissário.”, pois os termos da oração estão em sua ordem sintática natural.

05. Alternativa **a**.

No fragmento, o Chefe das Operações revela que sua entrada no MPLA o ajudou a perceber, nas ações violentas do passado, uma “necessidade histórica”, que já não faz sentido no presente. Apesar desse discernimento, a personagem não se dá conta, nesse momento da narrativa, de que adota uma visão tribal ao julgar o Comandante apenas por ser kikongo. O tribalismo foi um dos elementos que dificultou a ação dos guerrilheiros, pois insuflava o conflito entre os próprios integrantes do MPLA.

06. Alternativa **a**.

No fragmento, o Velho faz uso de diversos argumentos para embasar sua posição contrária às navegações portuguesas. Um deles é a referência ao perigo de deixar Portugal despovoado e desprotegido, à mercê dos inimigos mais próximos, os mulçumanos, com a partida dos homens para as conquistas ultramarinas em busca de fama (o que se comprova com os versos “Deixas criar às portas o inimigo,/Por ires buscar outro de tão longe,/Por quem se despovoe o reino antigo,/Se enfraqueça e se vá deitando a longe,/Buscas o incerto e incógnito perigo/ Por que a fama te exalte e lisonje”).

Incorreções:

Alternativa **b**. Por ser contrário às navegações, o velho expressa em seu discurso o desejo de que as conquistas portuguesas não sejam eternizadas por poetas e músicos.

Alternativa **c**. Nos versos “Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,/Nas ondas vela pôs em seco lenho!”, o velho amaldiçoa o primeiro ser humano criador das embarcações que permitiram cruzar os mares, e não especificamente os portugueses.

Alternativa **d**. O velho apresenta sua postura teocêntrica ao incentivar a guerra contra os muçulmanos, seguidores do islamismo, promovendo assim a defesa da religião católica. Não há, no fragmento, um incentivo à expansão de fé cristã nos territórios colonizados.

Alternativa **e**. Os árabes, de acordo com o velho, possuem riquezas e terras a serem conquistadas, além de serem inimigos corajosos e valentes. Tais características, aliadas ao fato de o combate contra os árabes ser também uma defesa da fé cristã, torna tal inimigo digno dos desejos portugueses de alcançar fama e glória.

07. Alternativa **d**.

Enquanto os angolanos consideram que os portugueses estão em terras alheias e, como na carta de Sem Medo, julgam-nos intrusos e exigem que voltem para seu próprio país (Portugal), nos versos “Por que a fama te exalte e lisonje/Chamando-te senhor, com larga cópia,/da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.”, revela-se, na crítica do Velho do Restelo, o modo como os próprios portugueses se veem: senhores, donos das regiões que descobrem.

08. Alternativa **c**.

A carta de Sem Medo (embora até possa ser considerada anônima, não é, por isso, pouco política, como se afirma na alternativa **e**) é agressiva (embora não gratuitamente, como afirmado na alternativa **b**) e apresenta termos chulos, pois nela o Comandante expõe sua revolta, em vez de discutir questões teóricas e políticas. Ele poderia ter explicado, na carta, as motivações do ataque, mas preferiu expor sua indignação. O comissário, também, não explorou humor na carta.

09. Alternativa **c**.

A fala de Inês apresenta um grande poder persuasivo, tanto pela força emocional dos argumentos empregados, quanto pelo estilo claro, organizado, lógico com que se estrutura.

Incorreções:

Alternativa **a**. A fala de Inês de Castro caracteriza-se pelo teor argumentativo e não lírico.

Alternativa **b**. A entidade mitológica a quem se associa a culpa da tragédia vivida por Inês é o Amor (Eros). Não se faz menção a Vênus no episódio.

Alternativa **d**. Segundo o crítico, o tom oratório foi capaz de superar a capacidade do poeta de expor a verdade psicológica da personagem.

Alternativa **e**. Como se explicita na afirmação do crítico, o discurso está centrado no seguinte argumento: “põe-me em triste desterro, mas poupa-me a vida em respeito de teus netos”, e não na tristeza em relação a amores dos quais a jovem não tinha culpa.

10. Alternativa **d**.

Em “Assim foi parida pelo Mayombe a base guerrilheira”, ocorre uma personificação da floresta do Mayombe, capaz de dar à luz. Também há personificação em “Os montes de mais perto respondiam/quase movidos de alta piedade”. já que atribui-se a seres inanimados (montes) ações e sentimentos.

Parte II: Questões (valor: 7,0)

01.

- a. Tanto os guerrilheiros do Mayombe quanto os navegadores portugueses desafiaram os deuses, não se submeteram a eles.
- b. “A quem Netuno e Marte obedeceram”.

02.

- a. O pronome “te” refere-se ao rei D. Afonso IV. Já “suas” refere-se a D. Pedro.
- b. O pronome “tu”, no texto II, refere-se ao Das Operações. Já o pronome “vos”, em “Fizemos-vos mal?”, refere-se aos trabalhadores.
- c. Segundo a norma culta, os pronomes de 2.a pessoa referem-se à pessoa com quem se fala, a um interlocutor, enquanto os de 3.a pessoa referem-se àquele de quem se fala. Isso é respeitado nos fragmentos transcritos de *Mayombe*: os pronomes “tu” e “vos” fazem referência aos respectivos interlocutores de Sem Medo e do Comissário.

03. Nas estrofes transcritas de *Os Lusíadas*, predomina a função poética, e, nos fragmentos de *Mayombe*, a referencial ou denotativa.

04. “Põe-me em perpétuo e mísero desterro, “/”Onde em lágrimas viva eternamente.”/”Põe-me onde se use toda a feridade”.

05.

- a. Enquanto o Das Operações defende uma ação militar, à base das armas para impor a força dos guerrilheiros na região, o Comissário, ainda que aceite o uso moderado da força, defende que os guerrilheiros devam esclarecer e conscientizar o povo.
- b. “Politização”.